

# Prova de admissão ao curso clássico no Colégio Roosevelt, 1956

Vlado Herzog

Curso: Clássico                      2ª Série

Disciplina: Português              São Paulo, 28 de fevereiro de 1956

## Parte A – Por que escolhi o curso Clássico?

Eis uma pergunta que poderá parecer banal, mas que para mim, especialmente, tem significado capital.

Perguntais-me por que escolhi. Realmente, devo reconhecer que pertenço ainda ao pequeno grupo ao qual é ainda dada a faculdade de escolher. Escolhi, sim. Escolhi agora, porque mais tarde, quem sabe? Já não pertenceria aos que escolhem, mas aos que são escolhidos.

Escolhi, dentre os inúmeros caminhos que nos levam à almejada estabilidade social-econômica do futuro, o Clássico.

Perguntais-me por que escolhi este clássico, e é justamente nesta parte da pergunta, está encerrada a razão fundamental da minha decisão.

Sou um caso, creio, raro. Tive a oportunidade, oportunidade esta que quase nenhum aluno do clássico teve, de frequentar durante certo tempo, um ano letivo exatamente, o curso científico. Falo pois, modestamente, de cátedra.

Neste ponto, porém, perguntaríeis: “Que vos fez escolher o científico?”

Na ocasião em que o recém-formado ginasiano enfrenta de inopino a dura decisão de prosseguir sua formação escolar, encontra-se ele (eu no caso específico) numa idade, num estado cultural e emocional perigoso. Ouso dizer que, além de perigoso, falso, isto é, ilusório.

Entusiasma-se com fatos, que mais tarde concluirá serem de uma objetividade superficial, imaginária. A sua mente, por fatores físicos, encontra-se em estado ainda de semi-infantilidade. Seu poder de recepção emocional ainda é passivo aos fatores dimensão, fastígio, popularidade.

Assim, eis que vemos o ex-ginasiano dirigir-se ao científico, disposto também ele a ter seu lugar e sua função na todo-falada e todo-poderosa Ciência.

A princípio, encontra ele vasto manancial para suas ambições. Pouco a pouco, porém, à medida que o caminho é progressivamente vencido, deparam-se-lhe os primeiros grãos de areia, que se transmudam pouco depois em pedregulhos e, por fim, todo o solo é só pedras, árido e mortal. É quando sua mente começa a sair do enevoado de ilusões. É quando sua bem-amada Ciência começa a perder para ele o calor com que o acolhera. E é neste instante (dois anos após a saída do ginásio, em meu caso) ele verá que, por trás destas suas ilusões, estavam escondidos os domínios do saber que ele antes não pôde vislumbrar porque são calmas, silenciosas, preciosas. As matérias subjetivas fazem-se revelar quando sua subjetividade desperta para o mundo objetivo. É o momento [em] que ele escolhe, se puder escolher, o Clássico. É o momento no qual eu escolhi o Clássico.